



A marcha a ré do comércio exterior brasileiro

Síntese: *Em 2009, as exportações brasileiras tiveram a maior queda em quase 60 anos. O superávit comercial caminha para uma redução de até 50% neste ano, ao mesmo tempo em que o Brasil vê sua participação em mercados consumidores como o americano desabar, numa consequência direta das políticas adotadas desde 2003. O país está se especializando em vender matérias-primas para a China, hoje nosso maior comprador, que as processam e vendem aos EUA. Sob o PT, estamos voltando à condição de economia primário-exportadora, num retrocesso de décadas.*

As exportações brasileiras estão descendo ladeira abaixo, numa tendência que assusta e preocupa. Os resultados verificados no ano passado indicam que, nesta área, o país está retrocedendo a anos atrás. Não só as vendas caíram, como os saldos comerciais estão minguando. Numa velocidade surpreendente, o Brasil está voltando a ser uma economia primário-exportadora, especializada em vender matérias-primas. Com isso, postos de trabalho tão necessários aqui estão sendo gerados lá fora.

Em 2009, as exportações brasileiras bateram vários recordes negativos. Tiveram a maior queda desde que as estatísticas de comércio exterior começaram a ser calculadas no país, na década de 1950: 22,2%, para US\$ 152 bilhões. Na história recente apenas em duas ocasiões isso havia ocorrido: em 1998 e 1999, ao longo das crises russa e asiática. Nas duas oportunidades, porém, as reduções foram de magnitude bem menor: 3,4% e 6,1%, respectivamente.

Como as importações também declinaram, a corrente de comércio brasileira murchou US\$ 91 bilhões em um ano, fazendo com que a participação nacional no comércio mundial se mantivesse na casa do 1%. Para completar, o saldo comercial foi o terceiro pior desde 2002, com perspectivas desanimadoras para este ano, quando se prevê que o superávit caia a menos da metade.

No ano passado, o país acumulou US\$ 25,3 bilhões de saldo na balança comercial. Estima-se que neste ano o superávit não alcance US\$ 11 bilhões e que, em 2011, desabe para a casa dos US\$ 4,5 bilhões. É uma reversão brutal num curtíssimo espaço de tempo: cinco anos atrás, o país exportou US\$ 45 bilhões a mais do que importou, na maior marca até agora para este indicador. Mas as ações implementadas pelo governo do PT nesta área não foram suficientes para manter o fôlego do nosso comércio exterior. Pelo contrário: contribuíram para retirar-lhe oxigênio.

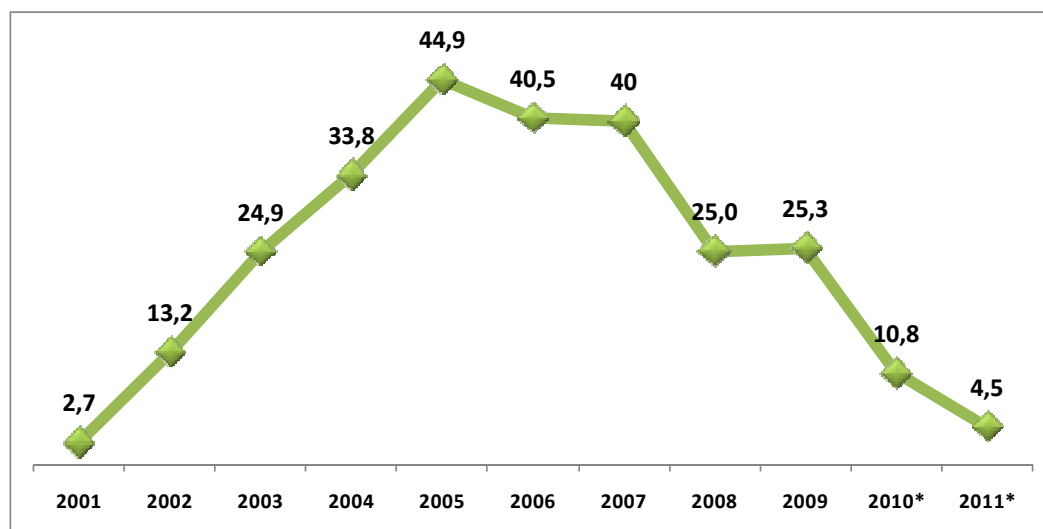
Razões estruturais

É certo que a desaceleração brusca da economia mundial a partir do último trimestre de 2008 colaborou para a marcha a ré das nossas exportações. Mas é igualmente verdadeiro que fatores estruturais internos ajudaram a piorar a situação, que tende a agravar-se neste e no próximo ano, segundo projeções

de consultorias econômicas. Entre estas jabuticabas que só o Brasil tem estão o câmbio supervalorizado, que encarece as vendas do país ao exterior, e as precariedades da infraestrutura e do sistema tributário nacional. São entraves extras na competição com concorrentes cada vez mais agressivos.

É cada vez mais evidente a perda de espaço das exportações brasileiras em favor de competidores diretos, como os chineses em particular e os asiáticos em geral. A começar pelo maior mercado consumidor do mundo, os Estados Unidos. No ano passado, nossas exportações para lá caíram 42%, dando origem ao primeiro déficit (US\$ 4,4 bilhões) em dez anos. Nos anos Lula, as exportações brasileiras para o mercado americano cresceram apenas 2,3%, enquanto o total embarcado pelo país expandiu-se 153% desde 2002.

Saldo comercial brasileiro (em US\$ bilhões)



Fonte: Secretaria de Comércio Exterior/MDIC. *Projeções, segundo Boletim Focus, edição de 15/01/2010

O governo petista fez uma clara opção: relegou o maior mercado consumidor do mundo a enésimo plano, sob alegação de que preferia abrir novas frentes de comércio em outros países. Isso ficou explícito na baixíssima atenção dedicada aos americanos na forma de missões empresariais: das 64 realizadas pela atual gestão, nenhuma foi dirigida aos EUA. Enquanto o Brasil retrocedeu, os chineses aceleraram.

O avanço chinês

Em 2001, quando entrou na Organização Mundial de Comércio, a China fornecia 8,6% das importações feitas pelos americanos, enquanto o Brasil respondia por 1,2%. No ano passado, os chineses já abocanhavam 18,8% daquele mercado, que, mesmo em crise, é muito mais suculento que muito osso abaixo da linha do Equador. A fatia brasileira manteve-se em mero 1,32%.

Curiosamente, foi a China quem, no ano passado, pela primeira vez na história tomou a ponta entre os maiores destinos das exportações brasileiras. Para lá seguiram US\$ 20,2 bilhões em mercadorias, enquanto os EUA compraram apenas US\$ 15,7 bilhões.

Tal diversificação poderia ser positiva, mas não tem sido. A diferença está no perfil da pauta: enquanto perto de 50% do que os americanos importam do Brasil são artigos manufaturados, 80% das compras chinesas são de itens

básicos. Resultado: o Brasil fornece matéria-prima aos chineses, que a processam e vendem em forma de produtos industrializados, e mais caros, aos EUA. Bela posição nos sobrou nesta contemporânea divisão internacional do trabalho.

Os motores da economia mundial ainda estão sendo religados, mas é quase certo que em algum momento deste ano ela volte a decolar. Com as exportações brasileiras patinando, teme-se que as nossas vendas para as nações mais potentes definham ainda mais. Neste cenário, pode restar ao país apenas especializar-se em vender matérias-primas e comprar produtos acabados, um horizonte que não condiz com o de quem pretende tornar-se uma nação de ponta.

Mas é justamente isso o que já está ocorrendo: cada vez mais, exportamos itens de menor elaboração, menor valor e com menor impacto na cadeia produtiva e na geração de emprego. Entre 2008 e 2009, a participação dos produtos manufaturados na pauta exportadora brasileira caiu de 47% para 43,7%. Já os básicos avançaram de 37% para 40,7%. Esta é uma tendência que tem se avolumado, de maneira recorrente, nos últimos anos. Dependendo dos critérios, as matérias-primas já respondem por até 70% das nossas vendas ao exterior.

O comportamento do comércio exterior é apenas a manifestação mais evidente de algumas falhas na condução da política econômica brasileira nos últimos anos. Não é raro que se discuta câmbio e juros, ambos variáveis com influência direta no desempenho das nossas exportações, como algo exotérico. Está cada vez mais claro que não são. Se ainda for necessário traduzir tais barbeiragens em números, o retrato mais acabado talvez seja o do universo de empresas nacionais que vendem produtos para o exterior: em 2009, em torno de 500 firmas tiveram que abandonar o mercado externo. É torcer para que não tenham sido forçadas a cerrar suas portas.



"Brasil Real - Cartas de Conjuntura ITV" é uma publicação quinzenal do Instituto Teotônio Vilela.

INSTITUTO TEOTÔNIO VILELA – www.itv.org.br

Instituto Teotônio Vilela . Senado Federal Anexo 1 - 17º andar - Sala 1707 . CEP 70165-900 . Brasília – DF . Tel.: (61) 3311-3986 / 3311-4338 / 3224-5282 / 3323-7990 . Fax: (61) 3311-3891 . itv@itv.org.br